

O DESEJADO



FRANCISCO PEREIRA DA SILVA

O DESEJADO

ILUMINADO POR NAZARETH COSTA



2005
MANGUEIRAS



Vamos buscar outro
— ó maninha — lá no Piauí.

Entra o Cantador com uma viola. Canta:

E a pois era uma vez
nas várzeas do Piauí
terra de gado e fazendas
contando chegavam a mil,
tinha uma — a Residência
de largo campo — indivisa.

À sombra das cajazeiras
grande alpendre se estendia,
légua e meia tinha o pátio,
pra se ver a gadaria,
dez currais de carnaúba
e mourões de primazia.



O chefe dessa fazenda
Genuíno era chamado,
tinha garbo e fidalguia,
mulher e filhos ao lado,
rodeado de vaqueiros
e por todos respeitado.

Um dia — já vai pra anos —
sai o Chefe em vaquejada
vestindo gibão vermelho
e de ferrão apontado,
de repente eis senão quando
lhe aparece o Desejado.

E desde então — para sempre —
sua alma vive ansiada.



Escuro. Tropel de Cavalos. Aboio de Vaqueiros: “ô-lô... ô-lô... ô... boi... ô... boi... Fasta! Ó... lô... ô... Êh, vamos! Boi!... ô-lô... ô...” Distanciamento. Pisadas de um cavalo em marcha. Parada súbita. Prolongado grito de espanto. Luzes. Em cena está um homem de 30 anos (Genuíno), caído ao chão. A seu lado, corda de laçar, vara de ferrão e arreios. Entram, correndo, quatro vaqueiros, que carregam o homem nos braços.

CANTADOR

Foi em 1800
e 26 este caso,
no tempo em que o povo
só conhecia o atraso,
quando a ciência existia
porém trancada num vaso.

A 24 de agosto,
data esta receosa,
que é quando o diabo pode
soltar-se e dar uma prosa,
uma vaca — a Paciência —
pariu no campo um minjolo.

Em março de 27
estava o inverno pegado,
Genuíno o fazendeiro
mandou ajuntar o gado
para a ferra e benefício
de barbatão desgarrado.



Então veio a Paciência
trazida numa boiada,
ao lado dela um garrote
gordo e muito bem criado,
preto e branco luzidio
da cor do céu estrelado.

O Chefe vendo o bezerro
ficou logo extasiado,
dizendo — “este garrote
vai se chamar Desejado,
que em beleza outro não vi,
minh’alma sinto abalada.”

Ali mesmo Genuíno
tomando nota do gado
tirou as vacas paridas
das que estavam amojadas,
separando a Paciência
e o bezerro cirigado —

e de noite ela sumiu
carregando o Desejado.



Entra Genuíno, seguido pela mulher — Donana, e um casal de filhos: Nanoso e Sinforosa. Caminha apoiado em muletas e está mais velho que na cena precedente. Donana, ajudada pelos filhos, arma a rede para Genuíno sentar-se. Entram quatro vaqueiros: Grinalda do Bom Conselho, João Terto Tertuliano, Februno Moreira e Manuel do Ó Bernardo.

GENUÍNO

E agora os meus vaqueiros
o que têm pra me contar?

VAQUEIROS (TIRANDO OS CHAPÉUS)

Ao bom Chefe Genuíno
aqui estamos pra contar
dos campos que demos hoje
para as reses ajuntar.



GRINALDA

Dei campo no Saco das Flores

TERTO

Meu campo foi no Lembrada

FEBRUNO

Passei pela Verde Rama

Ó BERNARDO

Na Olinda ajuntei meu gado.

GENUÍNO

Grinalda do Bom Conselho
o que foi que viu por lá?

GRINALDA

do curvo Saco das Flores
trouxe seis vacas paridas.





GENUÍNO

E Terto, lá no Lembrada,
o que foi que descobriu?

TERTO

Um barbatão entre o gado,
sem ferro nem benefício.

GENUÍNO

Os sinais do barbatão?

TERTO

Raposa botando a fusco,
as aspas em desafio,
ponta do rabo era branca,
em disparada fugia.



FEBRUNO

Será cria da Toá
com o marruá Maravio?

TERTO

A pois podendo em ser,
que a Toá andou pastando ali.

GENUÍNO

Pelos descritos não é
o Boi da minha porfia
o seu Februno Moreira
na Verde Rama o que viu?



FEBRUNO

Sozinho, no descampado,
um bezerro caruara.
Adiante, no carrascal
avoando a urubuzada
numa carniça-novilha.

Ó BERNARDO

Bote de cobra, vai ver.

FEBRUNO

Tem pra onde. Cascavel
tá matando nas veredas.

GENUÍNO

E seu Manuel do Ó Bernardo
que na Olinda campeou?



Ó BERNARDO

Três dias foram três campos
tudo em paz no Olindal
água muita e capim verde
sereno o carnaubal
terra que cria o boi gordo
Olinda é pouso ideal!

GENUÍNO

Muito bem meus bons vaqueiros
de preceito e regimento
no campear o meu gado
todos têm atendimento.

Todos têm mas inda falta
a procurada visão
que o vento busca na brasa
aguçada no ferrão.



Arranco de sangue e couro
tropel na serra escarpada
nos flancos retorce o fogo
entre o marco e o alambrado.

Sombra nos ermos rumina
em chão de cinza e potassa
salobro céu de alumínio
solidão do Desejado —

quem viu — quem dá notícia
desse campo onde ele pasta?



GRINALDA

Ver mesmo inda não vi
sentir também não senti
escutar porém escutei
muito fina narrativa
da boca de um vaqueiro
de por nome Pergentino
fazenda do Tabuleiro
no termo da Canafista.
Contava ele que um dia
com um tal de Damião
num bamburral da Panela
toparam com um barbatão.
Que Damião conhecendo
ser o boi do seu patrão
o dever era pegá-lo
pois tinha autorização
e ajuntou ambas as rédeas
e esporou o alazão.
Mas o boi se fez nos cascos
no bamburral procedeu
gritou o vaqueiro — “boi



tu não sabes quem sou eu
boi em que boto o cavalo
é carne que apodreceu.”

TERTO

Disse então o Pergentino
que andava campeando —
“era um boi preto bem grande
e dele me aproximando
vi do lado esquerdo o ferro
do coronel Sesenando.”

GRINALDA

“E a pois — diz Damião —
é um garrote encantado
quando do pasto sumiu
inda não estava castrado
foi-se orelhudo de tudo
nem sequer tava marcado.”



FEBRUNO

O Perge tinha um cavalo
chamado Malva do Campo
Lencares da Baixa-Fria
um chamado Pirilampo
Damião montava o Cisne
cavalo de raça pampa.

GRINALDA

Era meio-dia em pino
quando formaram carreira
o boi deixava por trás
uma nuvem de poeira
nos riachos ele pulava
de uma a outra barreira.



Ó BERNARDO

Diz Perge que nunca viu
em boi tanta ligeireza
como no cavalo dele
nunca viu tanta destreza
e mais que Malva do Campo
para o sertão é grandeza.

GRINALDA

Perguntou o coronel —
“o boi será encantado?”
“Não senhor — lhe diz o Perge —
isso de encanto é ditado
é um boi como qualquer
só tem que foi bem criado.”

GENUÍNO

Bem criado, já se vê. Mas meu vaqueiro Grinalda, esta é a antiga cantiga dum tal Boi Misterioso. Não é a cantiga do meu Boi. E Tertó Tertuliano, alguma para dizer?



TERTO

Na fazenda da Boágua
no termo do Quixadá
na Caatinga do Espinheiro
nas águas do Sitiá
havia um boi afamado
pela brabeza sem par.

GRINALDA

Uma vaca piauí
por nome ela Coração
deu cria desse bezerro
o qual ficou barbatão
nunca viu relho ao pescoço
nem dureza de mourão.



TERTO

Até ficar boi de ano
só vivia amocambado
não saía do tabuleiro
nem mesmo com outro gado
só procurava bebida
sendo da sede obrigado.

FEBRUNO

Até que um dia bem cedo
toca vaqueiro a chegar
chega José Sarafim
com dois filhos pra ajudar
chega mais Luís Pereira
que era a fama do lugar.



TERTO

Este é o José Tomé
um velhote espertalhão
aquele Aprígio Cambraia
aquele Hermoge Girão
em qualquer um deles três
é corda de barbatão!

Ó BERNARDO

E Hermoge disse então —
“na vargem da Jitirana
se a verdade não me mente
e o espírito não me engana
o boi levantou-se agora
da sombra duma imburana.”



TERTO

E logo sem mais dizer
cruzou pernas ao rodado
saiu quebrando mofumbo
na forma do seu desfarço
abrindo forquilha em banda
deixando tudo em bagaço.

O resto da vaqueirada
sai acamando cipó
derreando marmeleiro
facheando mororó
quebrando pau pelo meio
de rama tirando o nó.



GENUÍNO

Qual, João Terto Tertuliano, esta é a moda do Boi Moleque, cantada no Ceará. Quero ver quem desmunheca o Boi que é o meu tormento — a correr — e me desespera. E seu Februno Moreira, teve sinal desse Boi ?

FEBRUNO

“Na fazenda do Burel
nos verdes onde pastei
muitos vaqueiros de fama
nos carrascais eu deixei.

GENUÍNO (COMPLETANDO)

Adeus vazante de baixo
adeus serra do Coité
acabou-se a famanaz
da fazenda do Burel.”

Qual, seu Februno Moreira, vosmecê tece loas para a Vaca do Burel. E do meu Boi furta-cor, quer alguém me dar notícias? E seu Manuel do Ó Bernardo, que no Olindal campeou?



Ó BERNARDO

Nasceu um bezerro macho
no curral da Independência
filho de uma vaca mansa
de por nome Sapiência.

GRINALDA

Quando o Surubim nasceu
daí um mês se ferrou
na porteira do curral
cinco touros enxotou.

Ó BERNARDO

Na porteira do curral
onde o Surubim cavou
ficou um barreiro tal
que nunca mais se aterrou.



TERTO

E na praça da cacimba
onde o Surubim pisou
ficou a terra acanhada
nunca mais capim criou.

OS QUATRO VAQUEIROS

Ficou a terra acanhada
nunca mais capim criou.

GENUÍNO

Qual, seu Manuel do Ó Bernardo, que no Olindal campeou. Esta é a solfa
do Boi Surubim. Não é a minha solfa.



SINFOROSA

Pai, eu sei esta:
“Eu fui o liso Rabicho
boi de fama conhecido
nunca houve neste mundo
outro boi tão destemido.

NANOSO

Onze anos eu andei
pelas caatingas fugido
minha senhora Geralda
já me tinha por perdido.

SINFOROSA

Morava em cima da serra
onde ninguém me avistava
só sabiam que eu era vivo
pelo rastro que deixava.



OS QUATRO VAQUEIROS

Veio aquela grande seca
de todos tão conhecida
e logo vi que era o caso
de despedir me da vida.

SINFOROSA

Secaram-se os olhos-d'água
onde eu sempre ia beber

NANOSO

botei-me no mundo grande
logo disposto a morrer.

SINFOROSA

Segui por uma vereda
até dar num cacimbão



NANOSO

matei a sede que tinha
refresquei meu coração.

SINFOROSA

Quando quis topar assunto
tinha fechada a porteira

NANOSO

achei-me numa gangorra
onde não vale a carreira.

OS QUATRO VAQUEIROS

Só assim saltaram dentro,
eram vinte pra me matar,
sete nos pés, dez nos chifres
e mais três pra me sangrar.”



GENUÍNO

É o Rabicho da Geralda, a mais bela cantiga do sertão... Mas, meus vaqueiros fiéis, do meu Boi peço notícias.

GRINALDA

Chefe Genu, o campo é grande nestes planos sem divisa.

TERTO

Aguadas muitas, os banhados, riachinhos finos, massapês, alagadiços.

FEBRUÑO

Caatingas e o bamburral, cruveadas, tabuleiros...

TERTO

Capões de juremeira, mororó e sabiá, e a praga da maliça nas moitas do maliçal.



Ó BERNARDO

Flor da unha-de-gato roxa e flor da unha-de-gato branca e a branca flor do pau pereiro. É maio e o gado é gordo.

GRINALDA

Flor dos lampiões amarelos a correr nas baixas verdes. Ó abril de azul e branco, de banhados lagos rios.

TERTO

Flor da jurema em novembro. Perfumosa perfumada. A caatinga é seca-espinhenta, faz meio-dia sem sombra. O gado é magro.

FEBRUNO

Flor do paudarco em agosto, encosto de cabras, refrigério.

Ó BERNARDO

Copa amarela no céu cinza-pardo. Agosto.



GRINALDA

Mas vós quereis o vosso Boi? — nós pega.



TERTO

Na serra, nos pés de serra, nas chapadas, nos tabuleiros, carnaubais e alagadiços, bebendo ou descansando nas malhadas onde ele pasta? — nós traz.

Ó BERNARDO

Aonde ele estiver nós laça, nós peia, nós encareta.

FEBRUNO

E para o curral da Residência — esta vossa fazenda situada — nós traz.

GENUÍNO

Mas vos peço todo cuidado e muito amor com o meu Boi. Adeus, montai os vossos cavalos e trazei-me o Desejado.

Os vaqueiros saem fazendo reverências com os chapéus.

DONANA

Razões eu tenho de sobra
ao queixar-me como sempre
do mal que anda agravando
a fazenda Residência.

Já não sai boiada boa
nos rumos do Ceará
no mato matam as bicheiras
bezerros ao Deus-dará.

E os seus vaqueiros fiéis
no campo vão galopar
contando estórias de boi
esquecendo o vaquejar.

GENUÍNO

Não fale dos meus vaqueiros
que as ordens sabem escutar
em outras terras como eles
ninguém os há de encontrar.



DONANA

As vacas já não dão leite
diminui o requeijão
falta ferro e benefício
corre solto o barbatão.

GENUÍNO

Barbatão sempre há no mato
cascavel raio bicheira
não é isto falta de trato
não fale dos meus vaqueiros.

DONANA

Há dez anos era o rebanho
dez mil cabeças de gado
três mil bezerros em junho
na fazenda eram amansados.



GENUÍNO

Dez anos de fraco inverno
dois de seca e repiquete
se o pasto amarelece
culpe antes a natureza.

DONANA

No pátio vejo outras reses
outros ferros outras divisas
já não é o G a marca
outros currais se avistam.

GENUÍNO

Donana falar é fol'go
deixe de tanta implicância
o sol a nuvem e o pasto
a todos cabem no campo.



DONANA

E foi desde aquele encontro
a queda com o Boi Maldito
Chefe Genu largue ele
deixe de tanta doidice.

GENUÍNO

Donana se desengane
deixe o meu Boi rameado
na terra abaixo de Deus
quem me prende é o Desejado.

DONANA

Marido venha pra mesa
que o almoço está tirado
retire do pensamento
este bicho malfadado.



GENUÍNO

Falar é fol'go já disse
obrar carece sustança.

DONANA

Vem Nanoso e Sinforosa
a fome é o desengano.

NANOSO

Meu pai deixa eu ir pro campo?
Quero ser campeador.

DONANA

Marcha pra dentro Nanoso
deixa de ser influído.
Ora anda vem.

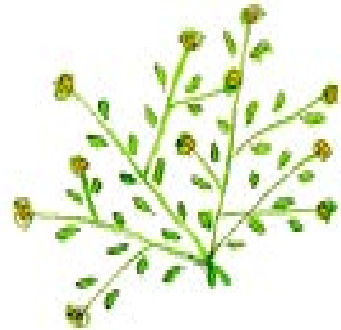


Saem Donana, Sinforosa e Nanoso. Genuíno continua na rede, a contemplar, distraído, o seu ferro de ferrar gado. Tropel de cavalos a correr.

CANTADOR

Lá se vão eles seguindo
cada um no seu cavalo
Grinalda vai bem na frente
Canário Verde rodado
João Terto Tertuliano
montado no Tempestade
seu Manuel do Ó Bernardo
no Linha Zero azougado
e mais Februno Moreira
esporando o Flor do Prado.

De repente um vento quente
desanda pela chapada
uma nuvem de poeira
rodeia todos os quatro.



João Terto risca primeiro
com seu chapéu encarnado
Tempestade segue o vento
descarregando seus raios
atrás surge Linha Zero
feito uma cobra de aço
Februno no Flor do Prado
é bala na disparada
enquanto José Grinalda
corcoveia o seu Canário.

No cerrado bamburral
um labirinto de fogo
língua vermelha estalando
um tabocal em pipoco
o Boi lançando fumaça
o ar fedendo a enxofre.



E seu Februno Moreira
mais Tertio Tertuliano
e mais o do Ó Bernardo
nos cavalos em parêlas
entraram num alagadiço
cortaram um carnaubal
e daí ninguém mais viu
de vaqueiros e Boi sinal.

GENUÍNO

Ai, este ferrão nas minhas pernas,
ai, Boi, meu Boi desalmado.

Entra Grinalda.

GRINALDA

Chefe Genu dê licença
para um triste relatar
agonia de perder
três companheiros leais.



Estendido ensangüentado
achei Februno Moreira
pontas de chifres jogaram
seus bagos num formigueiro
agora é homem refugo
felizmente era solteiro.

João Terto Tertuliano
levou lançada no peito
mas Manuel do Ó Bernardo
não se dando por vencido
num boqueirão da Estrela
avoou pelos abismos.

E do Boi mais ninguém viu
nem dos cascos o sinal
o homem, Chefe Genu,
tem seu dia, tem seu Mal.



GENUÍNO

É certo que o meu mal
é esta ânsia perseguida
ó meu vaqueiro Grinalda
lamento o acontecido.

GRINALDA

Recebo as ordens meu Chefe.

GENUÍNO

É do Desejado a pega.

Sai Grinalda.



CANTADOR (NARRANDO)

Assim correram outros anos, e ninguém conseguia pegar o Desejado. Genuíno, na sua rede, esperava por esse encontro. Ansiava. Sentia gasturas. E na fazenda o gado ia minguando e as vacas eram vendidas para a compra de bons cavalos. Os vaqueiros, quando se encontravam com o Almejado, ou nos cornos dele morriam ou de queda se estrompavam. E o Chefe na rede gemia, penando penas, implorando pelo Boi. Um dia ele deu uma grande festa para traçar os planos duma junta de gado. Foi no mês de junho. A seu convite começou a chegar toda nação de vaqueiro, e mais, porque nos convites ele dizia que dava a mão de sua filhinha, Sinforosa, ao vencedor do Famanaz. E Sinforosa, que estava se pondo, era muito mais linda que um ramo de alecrim. Era ver um botão de rosa num ramo de alecrim.

E começa a chegar vaqueiro
de quase todo lugar
Piauí e Maranhão
Paraíba e Ceará
chegam todos bem montados
dizendo — “sou bom de gado
o Boi eu quero pegar.”



De Campo Maior, onde situava a Residência, Chaguinha da Dedé (Francisco das Chagas Feitosa) era o primeiro pretendente à mão de Sinforosa, no caso de pegar o Boi, devidamente. Seu cavalo era o Riso do Ano. Grinalda, campomaioreense, não era mais de Genuíno vaqueiro; mudou-se para o Velame, porém amigo do Chefe, de muita sinceridade. Da Paraíba chega José Torre da Rosa, lindo par com Sinforosa formaria. Seu cavalo alazão é tratado por Lavareda. Delmiro Lopes, o Del, monta bem o Pensamento; é moço pernambucano. Diassis é cearense, no seu cavalo Brinquedo. Arage da cor de mel veio da Moita do Anjo, no Rio Grande do Norte. Seu cavalo, castanho claro, atende por Renova. Das Alagoas chegam pai e filho, sutilmente pretendentes: Majó do Lago, viúvo, Majozinho, solteiro; um, no Soberano, o outro, no Correnteza. E outros vaqueiros se apeiam, tilintando esporas nos pés. Da Madeira Cortada vem Brás, Lili e os dois Merosas, acompanhados do negro Vital



e mais:
vem Norberto da Palmeira
Ismael vem do Marvão
Raimundo do Livramento
Félix da Demarcação
Benvenuto do Desterro
Dail do Boqueirão
Damião vem das Oeiras
vem Lula da União

e mais:
da Prata do Maranhão
vem José de Arribamar
Jer'moabo da Bahia
traz Tereso das Dor e Sá
Justino de Vasconcelos
das campinas de Goiás.

Vaqueiro de todos os nomes
que tem de santo a folhinha
de des o A de Anrique
até o Z de Zé Higino.



E tudo na alegre prosa
na cortesia e desfado
pretendendo Sinforosa
pelos cornos Desejado.

De Pastos Bons, no Maranhão, de todas as paragens piauizeiras do alto e
baixo Parnaíba, do agreste e do sertão:

Das Abelheiras
Cacimba das Moças
Saco das Velhas
Verde Nasce
Capitão dos Campos
Santa Inês e Santa Angélica
e Caatinga do Brasão
e mais:
Malhada Funda
Baixada Verde
Guardado
e Bem Cobiçado Periquito
Remanso Alívio Sossego
Bom Futuro e Bom Conselho.



Cavalos no pátio não tem mais de conta. Todos os nomes de reis e peixes, de passarinhos do mato, leves, e das tempestades do céu, na variação de suas cores: melado, rodado, baio, ruço, alazão, castanho, preto, pedrês e cardão.



Festejação — vaquejada!
as violas pinicando
cachorro e gato entrançando
o povo a falar se rindo —
“oh que festa purpurina!”

Bandas de bois se assando, a gordura nos braseiros se derretendo, estralando, valendo o atropel que é a mão de Sinforosa pela dita pega. Velho Chefe Genu ainda geme antiga cornada, mas de viola ao peito até ponteia prateado:

Durante a cena precedente o palco vai-se enchendo de vaqueiros e outros convidados, notadamente (como apresentação) os vaqueiros: José Torre da Rosa, Delmiro Lopes, Diassis e Arage, que trazem, pelo cabresto, os seus cavalos. Música de violas e vivas ao chefe e Sinforosa. O chefe já está muito mais velho, e Sinforosa, ao lado da mãe, está feliz, e inicia requiebrós para os vaqueiros moços, principalmente: Torre da Rosa, Delmiro, Diassis e Arage. Majó e Majozinho, timidamente, tentam os sorrisos de Sinforosa. E falam assim: Majozinho — “Pai, a moça é minha. Deixe ela.” Majó — “Filho, também careço, sou viúvo.” Majozinho — “Pai, tenho 18 anos.” Majó — “Filho, obrar carece sustança.” Majozinho — “Sua benção, meu pai.” Majó — “Teja abençoado.” Uns bebem, outros carregam espetos com pedaços de carne assada. Grinalda coloca, ao lado do chefe, um gibão, um par de esporas, corda de laçar, vara

de ferrão e demais petrechos usados pelos vaqueiros na função de vaquejar. Nanoso vai ser sagrado vaqueiro. Silêncio.

GENUÍNO

Bons amigos aqui está
Nanoso meu filho herdeiro
que de minha mão recebe
minha bênção de vaqueiro.

TODOS

Viva Nanoso vaqueiro!

GENUÍNO

A ti, meu filho, eu entrego
minha sela e meu alazão
esporas, guantes, chapéu
guarda-peito e o meu gibão
minha corda de laçar
minha lança de ferrão.



Todos

Viva Nanoso no seu alazão!

GENUÍNO

A fazenda a ti não dou
que é da tua mãe e irmã
nem te dou barra de ouro
nem dinheiro e coisas vãs
dou-te apenas nome honrado
Genuíno Barros Arantes.



Todos

Viva Nanoso Barros Arantes!

NANOSO

Vosso nome honrar é prêmio
que eu espero merecer
vaqueiro em primeiro tempo
hei de lutar e vencer
a corda será lançada
e no alvo há de morrer
para que por minhas mãos
o Boi vos possa ofrecer.

GENUÍNO

Nanoso, meu filho, Deus te acompanhe.

TODOS

Viva Nanoso armado de laço e ferrão!

Ouve se a buzina de um chifre.



VAQUEIROS

Ao campo, ao campo, que está na hora! À pega! Todos à pega do barbatão
Desejado!

Os vaqueiros se movimentam. Despedidas, risos, choros, adeuses. Sinforosa arrisca um requebro e joga um cravo para o alto, que é esperado e disputado por uma floresta de mãos levantadas. Nanoso despede-se do chefe, ajoelha-se e lhe beija a mão. Donana, chorosa, abraça o filho. Delmiro Lopes, Diassis, José Torre da Rosa e Arage movimentam seus cavalos e esperam um sorriso de Sinforosa. Esta sorri para todos. Lenços e adeuses. Sinforosa lhes acena. O chefe senta-se na rede, cabeça baixa, segurando seu ferro de ferrar. Donana, triste, o contempla.

SINFOROSA

Pai sinto no peito uma agulhada. A primeira. Estou alegre e estou triste.
Será o quê? Estou fria e quente... Será que o Desejado tá também me aferroando?

DONANA

Marcha pra dentro, Sinforosa. Deixa de arrupeios.

Sinforosa sai se requebrando.



DONANA

Causa deste capricho besta, o Boi Maldito acaba matando a todos. Sobrosso, sobrosso! Um sobrosso que me entala.

GENUÍNO

Donana se amedronta até com piado de passarinho.

DONANA

Só penso no meu filho que tu mandou campear.

GENUÍNO

Todos nós campeamos. Campear é do homem.

Donana sai.



CANTADOR (NARRANDO)

Saíram os vaqueiros no rumo da Vila de Campo Maior, para, no patamar da igreja, fazer saudação ao glorioso Santo Antônio do Surubim. Contritos, tiraram os chapéus, e depois rumaram esquipando pelos campos abertos, atravessando lagoas e carnaubais. Iam na forma de meia-lua, sela com sela estradando. Não calados, nos pensamentos, como um que vai matar, mas nas alegrias, nos aboios cantando o gado geral das terras indivisas. Daí em vante, no distante, se repartiram em quatro: um conjunto ganhando as barras do Nascente; outro, as bandas do Sol-Posto; para os carnaubais do Norte-Longá; os tabuleiros do Verde-Sul. E então sumiram em mais distâncias, como um bando de marrecas atravessando o céu da tarde. Num brejal os sapos principiavam a dizer — “não foi”. E depois, em perda escuridão chegaram. E fogos-fátuos de repente se queimavam, fugiam. Devagar, uma mancha azul, pastando, pastando... O encontro deu-se em agosto. (Canta:)

E eu assino e dou por visto
o que Leandro me contou
de pau e pedra arrancados
por onde vaqueiro passou
estendal feito uma estrada
na base do bom trator.



Quatro vaqueiros, de chapéu na mão, vêm postar-se ao lado de Genuíno. Entram Donana e Sinforosa.

1º VAQUEIRO

No Coko do Catalão
a disparada começou
Arage maneja o laço
ardente cobra de fogo
o valoroso Adail
corre ao encalço do Boi.

VAQUEIROS

Vaqueiro tinha demais
e nenhum usava clemência
parecia até Exército
no Dia da Independência.



2º VAQUEIRO

Brinquedo de alados pés
alça Diassis da poeira
no baio o Apolinário
se abaixa fazendo esteira
trinta homens na batida
sete léguas de carreira.

VAQUEIROS

Estralavam macambiras
vermelho chão lancinado
subiam morros desciam
jogando pedras patrás.



3º VAQUEIRO

Delmiro Lopes o Del
atroia como o trovão
esporando o Pensamento
carregando no ferrão
Benvenuto o ardiloso
golpeia o Boi de raspão.

VAQUEIROS

O cerco afinal foi feito
em torno do Desejado
festa de sangue e poeira
enganosa vaquejada.



4º VAQUEIRO

Vem José Torre da Rosa
no azougado Lavareda
saltando barranco e moita
vem o fero Catapreta
agudo grito se ouvindo
e o relinchar dos ginetes.

VAQUEIROS

O Boi aí deu um urro
terras e céus abalando
de pelo preto que era
transformou-se num boi branco
olhos redondos vermelhos
e chifres de diamante.



1º VAQUEIRO

A fera então se arremete
sangra cavalo e vaqueiro
dez vinte cento e cinqüenta
destroçados cavaleiros
no coração atingido
Adail Moura Sobreira.

2º VAQUEIRO

Cai José Torre da Rosa
agoniza o Lavareda
Antônio Antenor Merosa
Diassis em desespero
Arage mortal ferido
caiu chamando por Neusa.



3º VAQUEIRO

Delmiro Lopes o Del
tem a fronte aniquilada
trazendo no peito a flor
por Sinforosa jogada
Lário Luís Doroteu
têm seus corpos arrastados.

4º VAQUEIRO

Então patrás equiparam
os Majós do Lago e Abreu
arrumaram as suas malas
faltos de ação e nobreza.

VAQUEIROS

Sempre uns mais que os outros
na valência e na fraqueza.



4º VAQUEIRO

No chão porém estendidos
cento e cinqüenta vaqueiros
que no coração levavam
os ardores da peleja



VAQUEIROS

não por vós não só por ela
por tudo e nada — por eles.

DONANA

E de Nanoso, do meu filho Nanoso, ninguém notícias me dá?

Entra Grinalda, trazendo, nos braços, o corpo de Nanoso. Genuíno se levanta. Donana grita. Entram três mulheres de preto, que seguram Donana. Grinalda deposita no chão o corpo de Nanoso. Tira o chapéu.

GRINALDA

Destroçado, aqui vos trago
o corpo de vosso filho
Nanoso, menino-homem
que outro igual inda não vi
na coragem e na destreza,
claro sol — anjo apressado,
ansiado, não cedeu.

Dura luta foi travada
anjo e fera face plena
raiva em ambos remoendo
choque de guampas e arneses
uivos gritos e patadas
vermelha e negra agulhada
lançada que se perdeu.



E então se enrosca o Boi
e as finas aspas mergulha
no coração do ginete,
cai cavalo e cai o anjo
a canção e seu sorriso
e o Boi, uivo medonho
em disparada sumiu.



Ponha o Chefe a vossa mão
nestes olhos já sem brilho.

Donana desprende-se das mulheres e se debruça sobre o corpo do filho.

DONANA

Meu filho de minh'alma, meu Nanoso cabecinha tonta. Meu anjo muito amado, inda te vejo a galopar teu cavalim da carnaúba... (A **Genuíno**) Maldita seja a tua teimosia. Teu nome, que com ele se acabou! Satisfeito com a festa? Com a morte dos teus vaqueiros? Com a morte do teu filho vestido de vaqueiro?

GENUÍNO

Donana, foi nosso filho leal e forte vaqueiro.

DONANA

Meu Deus, que não seja a verdade, mas o pavor de um pesadelo. Que não seja a verdade. Menos a verdade. Nanoso meu filho, meu filho!

GENUÍNO

Ai, desgraçado de mim, que te vesti para a morte.

MULHERES DE PRETO

Desgraçadas de nós, a quem roubaste os filhos e maridos. Falsa alegria de um cavalo a galope. Enganosa liberdade de um cavalo a galope. Desgraçadas de nós! Deste a eles um cavalo e nada mais lhes deste. E sem eles, o que nos resta a nós? Agregadas de tua casa, éramos, como eles, nos teus cavalos, a pisar o chão. Mas sem chão, eles. Agregadas somos das estradas sem direção, das nuvens que o vento carrega, sem direção. Enganosa liberdade de um cavalo a galope. Senhor, misericórdia! (Ajoelham-se e cantam:)



Uma excelência das almas
Maria da Soledade
a Nossa Mãe é Bendita
ó Dolorosa
ó Mãe Imaculada...

GENUÍNO

Enterrai-o assim vestido: esporas, guarda-peito e gibão. E de sangue manchado. E de poeira. Mas de sorriso no rosto, alegria de morrer lutando. Eu te abençôo, meu filho.

Genuíno beija o corpo do filho e apanha a sua corda de laçar. Levanta-se. Os vaqueiros levam o corpo de Nanoso. As mulheres saem carregando Donana. Sinforosa as acompanha.

CANTADOR

Ah, triste assim, que farei?
Como serei consolado
se perdi meu braço forte
se fiquei tão desarmado?



Ai, desgraçado de mim,
se perdi meu braço forte,
quem me pega o Desejado?

Entram as mulheres de preto.

MULHERES

Senhor Chefe Genuíno
siá Donana entrou no quarto
e em ânsia desadorada
fechou a porta e bateu
não quis ouvir nossos rogos
nenhum consolo valeu.

— Siá Donana, siá Donana
quereis a nós atender?

Sem nos dar uma resposta
naquele quarto trancada
sobrosso nos percorreu,
então forçamos a porta
e, alçado numa corda,
estava o corpo a pender.



— Siá Donana, siá Donana
que não quis nos atender.

CANTADOR

Ai, desgraçado de mim
de repente desarmado,
sem filho, na viuvez,
de repente sem mais nada.
Ai, desgraçado de mim
preso em vida nesta rede
— quem me pega o Desejado?



**Mais escuro. As Mulheres saem. Música suave, depois mais alegre. Manhã. Canto de pássaros.
Genuíno está na rede, a segurar a corda de laçar. A seu lado, de pé, está Sinforosa.**

CANTADOR

Já faz dois anos que o Chefe
sem filho e na viuvez
com a menina por casar
alisa o laço e o ferro
sem mais nada que fazer
quando um dia de repente
vê chegar um cavaleiro.

Naquela hora um moleque
para o almoço chamava
quando ele mais Sinforosa
ao longe um vulto descobrem
em galope pela estrada
e divulgam ser um moço
com muito apuro trajado.

SINFOROSA

Quem será tão bem montado
tão galante cavaleiro?



GENUÍNO

Vai ver é mais um que vem
os préstimo me ofrecer.

SINFOROSA

Santo Antônio Aparecido
do Boi me livre a mandinga
que desta vez eu acerte
pois me sinto vitalina.

GENUÍNO

O Boi há de ser laçado
e tu casada serás
que és bem nova Sinforosa
não és nenhuma enjeitada.



SINFOROSA

Eu?
com vinte e cinco interados?
Tou broca, acho lá nada.

GENUÍNO

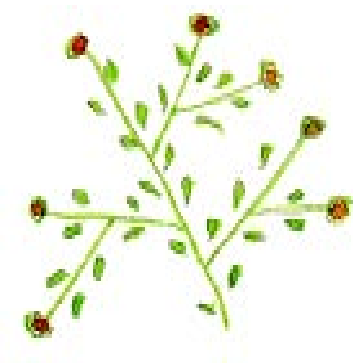
Acha.
Sei que não há de faltar
pretendente merecido.

SINFOROSA

Ah, meu pai, e esta agonia?
este esperar dia a dia?

GENUÍNO

São humores, são ardores,
mas eis que nos chega o moço.



Entra Sérgio, que puxa um cavalo pela rédeas. Veste gibão e tira o chapéu em saudação.

SÉRGIO

Bons dias para todos. Não é esta a fazenda Residência, do Chefe Genuíno?

GENUÍNO

Fala com o referido — Genuíno Barros Arantes. E a graça de vosmecê?

SÉRGIO

Sérgio Genésio Deorval
se apela o vosso criado.

GENUÍNO

Criado seja de Deus.
De que paragem é o cavalheiro?



SÉRGIO

Eu sou de Minas Gerais,
por vocação sou vaqueiro,
vim porque soube que aqui
existe um boi mandigueiro.

GENUÍNO

Informaram mal, viajero.
É boi forte, bem criado
em pastos piauizeiros,
capim mimoso na várzea
é ração do ano inteiro,
daí a força que tem
invencível na carreira.

SÉRGIO

Os sinais do vosso Boi?



GENUÍNO

São os meus os seus sinais:
quarto direito um G grande
no esquerdo traz a divisa
Campo Maior verde-grama.
Mossa por baixo e por riba
orelha direita em canzil
na esquerda tem sua era
brinco lascado e funil.
Em minjolo viu curral
não é pois um barbatão
eu mesmo o marquei a ferro
e lhe dei meu coração.



SÉRGIO

E qual a cor desse Boi?

GENUÍNO

Tem cor conforme as horas:
na madrugada ele é branco
ao meio-dia cirigado
correndo é como um carvão
de noite ele é prateado
uma estrela traz na testa
sol e lua lado a lado.

SÉRGIO

E o nome do vosso Boi?



GENUÍNO



É Bonito e é Bargado
é Barroso e Mão-de-Pau
Labirinto e Surubim
é Rabicho e Boi Lavrado
Almejado Coração
Laranjeiro e Boi Espaço
Bogarim Piauízeiro
Cordiano e Desalmado
Alegria e Desespero
é Amor Alma Danada
Solução Ai Desengano
Contrafação Pesadelo
tem todo nome que é
mas pra mim é o Desejado.

SÉRGIO

Senhor Chefe Genuíno
vosso Boi será pegado.

GENUÍNO

Quem pegá-lo em campo aberto
ganha um anel e relógio
ganha três contos-de-réis
minhas terras de redor
mais a fazenda Residência
mais a mão de Sinforosa.

SÉRGIO

Chefe —
não vim aqui por dinheiro
fazenda anel e relógio
pegar boi pelo traseiro
é brincadeira graciosa
mas fui chegando fui vendo
encantado par de olhos
e de já vos peço a mão
de vossa filha Sinforosa.



GENUÍNO

Em pegando o Desejado
vosso pedido é aceito
pois sei que Minas Gerais
é terra de homem ordeiro.

SINFOROSA

— Senhor Serge Deorval
diga adeus e vá se embora
que a pega de tal boi
é condição enganosa
vaqueiros que tal tentaram
tiveram morte espantosa.

Por vós o meu coração
recebe o primeiro abalo
mas volte vos peço agora
senhor Serge Deorval
pois este boi das desditas
é o meu destino fatal.



GENUÍNO

— Sinforosa anda nervosa
pensando em tudo que é mal
o Desejado vos peço
senhor Sérgio Deorval.

SÉRGIO

Sinforosa flor tão bela
do Piauí varzeal
eu trago o Boi pelos cornos
não tem conversas nem ais
depois montado aboiando
vos levo pra Minas Gerais.

SINFOROSA

Serge, Serge...



SÉRGIO

Adeus Sinforosa tão bela
do Piauí varzeal.

Sérgio sai puxando o cavalo. O chefe senta-se na rede e Sinforosa, triste, cobre o rosto com o braço. Ouve-se o galopar de um cavalo. Um aboio. E, depois, barulho de animais a correr.

CANTADOR

Saiu Sérgio a campear
pastos de muitas lonjuras
até que um dia encontrou
um touro preto veludo
pontas d'aspas amarelas
o olhar bem carrancudo.

Mas vendo o Boi o vaqueiro
a carreira foi fazendo
ora na barra da mata
ou de cipoal adentro
ora pulando grotões
caçando da terra o centro.



Subiu então u'a montanha
por saber o que queria
seguia Sérgio atrás dele
de vista não o perdia
o cavalo Flor do Campo
com mais desejo corria.

Descambaram em crueadas
entrou o Boi num baixio
depois saiu na campina
entrou na ilha dum rio
lugar em que outro vaqueiro
só de ver sentia frio.

SINFOROSA

Pai, cadê o Serge Genésio Deorval?

GENUÍNO

Campeando o meu Boi. Está pega não pega.



SINFOROSA

Faz um mês que ele partiu. Vem não.

GENUÍNO

Vem.

SINFOROSA

A pastagem já secou
a seca se anunciando
a fazenda se abalroando
e Serge atrás desse Boi.
Traz não.

GENUÍNO

Traz. Deixe de tão mau agouro.



SINFOROSA

O gado se amofinando
com pouco se tem mais nada.

GENUÍNO

Asneira. Tem o meu Boi Desejado. E Serge está pegando ele.

Barulho de cavalo e boi a correr.

CANTADOR

Na carreira o Boi quebrava
jucá velho de miolo
sabiá e mororó
levava tudo de rolo
lascava pau com as pontas
caindo longe o reboło.



Sérgio Deorval de enfiada
no rastro dele seguia
nas patas de Flor do Campo
a chapada estremecia
boi e homem na poeira
subindo na ventania.

Então saíram num teso
onde tudo se avistava
o tal Boi era uma flecha
fogo das ventas deitava
dava sopro nas palmeiras
era um dragão avoava.

Porém o Sérgio dizia —
“aonde entrares eu entro
se mergulhares no mar
viro-me peixe em seqüência
se te tornares em pássaro
serei gavião no vento.”



SINFOROSA

Pai —
taqui quem sabe de tudo.
Seu Zebruno e a rapariga dele.

Entram Zebruno e mulher.

GENUÍNO

Abanque-se seu Zebruno e vá dizendo a que veio.

ZEBRUNO

Boas tardes.

MULHER

Boas tardes graças a Deus. Cocoricó! Galo cantou três vezes. (A alguém:)
Te arreda daí, Pé-de-Pato.



SINFOROSA

Credo-em-cruz! Querendo dizer o quê?

Serge tá vivo? vem? inda me ama?

MULHER

Cocoricó! Em Deus querendo, véve, vive ama e saluça.

SINFOROSA

Saluçando ?

MULHER

Saluçante.

SINFOROSA

Ai-ai. E o Boi?



ZEBRUNO

O Desejado? A pois este é o causo:

Aconteceu com a mulher
que fiava a noite inteira
no que ela quás se assombra
ali numa sexta-feira.

MULHER

Deixa eu contar, seu Zebruno:

Era meia-noite em ponto
eu tava ainda fiando
na casa do Tolentino
ouvi uma gente falando
espiei por um buraco
vi chegar um boi urrando.

ZEBRUNO

Aí ela foi guardar o fuso e a cesta de algodão.



MULHER

Não atrapalha, seu Zebruno.

Quero até que Deus me mande
a cascavel me morder
se donde tava socada
não ouvi o Boi dizer:
— “boa noite Tolentino
eu só venho aqui te ver.”

SINFOROSA

Credo-em-cruz sete vezes
aquilo é arte do Cão!



ZEBRUNO

Agora, o Chefe querendo
nós reza nós ferve nós benze
nós tira dele a mandinga
feitiço nós tira aos litros
no caborje e catimbó
sendo nós lá do Codó
Desejado vem na fita.

GENUÍNO

Não quero as vossas mandingas
nem rezas de enfeitado
Serge campeia o meu Boi
vai trazer o Desejado.

ZEBRUNO

Boas tardes, boas tardes.



MULHER

Cocoricó outra vez. (A alguém:) Te arreda do mei, Pé-de-Pato.

A mulher solta uma gargalhada. Saem. Barulho de boi e cavalo a correr.

CANTADOR

Lá se vão vaqueiro e Boi
entestados a correr
dentro da caatinga bruta
fazendo a terra tremer
em cima da pedra dura
duros cascos a bater.

E Sérgio gritou ao Boi:
— “eu sou o Rei da Floresta
tome cuidado com a vida
que está comigo na testa
quero ver quem na carreira
tem mais força na canela.”



O Boi soltou um mugido
com os quatro pés se ergueu
e logo em cima do Boi
um letreiro apareceu
dizendo: “tenha reparo
Satanás aqui sou eu.”

Mas Sérgio foi renitente
a parada ele topava
as maranhas de Lusbel
não temia nem escutava
caísse o Boi nos infernos
e de lá o arrancava.



Pelo proscênio entram um casal de retirantes e um menino.

RETIRANTE

Acolá é uma fazenda
a famosa Residência.

MULHER DO RETIRANTE

Virge! Tá de porteira batida.

RETIRANTE

Gente entra no Piauí
a mesma seca danada
tudo coberto de pó
e o poente esbraseado
cabra sonhando com as folhas
morrendo de fome o gado.

MULHER DO RETIRANTE

E nós.



RETIRANTE

A gente entra e o que vê
é a mesma cor tristonha
pardo o sol e pardo o céu
parda a poeira nos montes
parda a magreza do gado
couros chifres e ossadas
parda a tristeza medonha.

MULHER DO RETIRANTE

E nós, pardo.

RETIRANTE

Outra cor só mesmo o preto
da urubuzada abaixando.



MULHER DO RETIRANTE

E diz à mulher:
“prepare o balaio
amanhã eu saio
se o bom Deus quiser
arrume uma trouxa
encoste o pilão
onde ele não caia
arremende a saia
bata o cabeção
e vá ao chiqueiro
amarre a cabrinha
e mate a galinha
que está no terreiro
leve o candeeiro
e leve a panela
arrume as tigelas
se tiver xerém
cozinhe o que tem
prepare as canelas.”



RETIRANTE

Nestes ermos a cantar. Endoideceu?

MULHER DO RETIRANTE

Deixe eu cantar, marido. Alivia.

RETIRANTE

Poupa teu cuspo. Anda Chiquinho.

Os retirantes passam. Entra Grinalda.



GRINALDA

Senhor Chefe Genuíno
foram-se embora os vaqueiros
apeados despraticados
foram batidas as porteiras
e o gado todo gemendo
de fome na polvadeira
sonhando com as cacimbas
ou com um pé de facheiro.

— Vim lhe ofrecer djutório.



GENUÍNO

Serge Genésio Diorval
meu Desejado campeia.

**Mais intenso o barulho das patadas de cavalo e boi a correr. Projeção de luzes a rodar. Ator-
doamento.**

CANTADOR

Sérgio em veloz disparada
ia a cauda caqueando
mas o Boi fazendo curvas
ia o corpo refugando
somente a ponta do rabo
ia o vaqueiro alcançando.

Então desabam nos vastos
perdidos na ventania
o cavalo no mocotó
que nem um palmo cedia
chegam num desfiladeiro
homem e boi ao meio-dia.

Pára o Boi, pára o vaqueiro
frente à frente os dois estão
o Boi babando o encara
Sérgio então arma o ferrão
na barriga do cavalo
lança o Boi o seu arpão.



Sérgio volteja nos ares
como folha na poeira
e as pontas finas mortais
lhe aparam o corpo no meio
corre o Boi levando o moço
por serras e tabuleiros.

E ninguém nunca mais soube
de moço e boi o roteiro.

SINFOROSA (SUSPIRANDO)

Ah, meu pai, Serge Genese Diorval me esqueceu. Foi-se. Meu coração só me diz.

GENUÍNO

— Impressão. Mal de quem se adora.

Entra Seu Luisinho, curador de rastro.



LUISINHO

As ordens de vosmecê, meu Chefê.

GENUÍNO

Seu Luisinho, curador de rastro, como vão as coisas ?

LUISINHO

Tão boa não, Chefê Genu. Uma ocrísia danada. Os morredor do costume.
Nem vento venta. Tudo muito parado.

GENUÍNO

Seu Luisinho, curador de rastro, quero as suas rezas.

LUISINHO

Ó, rezar é bom. Tem minjolinho com bicheira no pasto? Com este tempo
será que ainda tem vaca na disposição de parir?



GENUÍNO

É pro meu Boi Desejado. Quero que me faça cair as bicheiras que por mal se tenham aninhado no corpo dele. Melhor é prevenir.



LUISINHO (AJOELHANDO-SE)

“Mal que comeis
a Deus não louvais
e nesta bicheira
(bicheira lá nele)
não comereis mais!
Eles (os bichos) hão de cair
de 10 em 10
de 9 em 9
de 8 em 8
de 7 em 7
de 6 em 6
de 5 em 5
de 4 em 4
de 3 em 3
de 2 em 2
de 1 em 1!
E nesta bicheira
(bicheira lá nele)
não ficará nenhum!
Há de ficar limpa e sã
como limpas e sãs ficaram



as 5 Chagas de Nosso Senhor!”

Chefe Genu não se dê aos cuidados. Vosso boizinho tá limpo de tudo agora.

GENUÍNO

Seu Luisinho, se arranche e almoce. A casa é vossa.

LUISINHO

Com a licença de vosmecê.

Sai Luisinho. Sinforosa, mirando-se num espelhinho, pinta as faces com papel vermelho.

SINFOROSA

Pai, vou me embora. Vou com um magote de povo, dali, que se arretira.
A seca tá braba. Quer ir com a gente?

GENUÍNO

Pra onde tu vai?



SINFOROSA

Lá pra lá.

GENUÍNO

E Serge Diorval, teu noivo?

SINFOROSA

Qual, Serjo lá vem. Nem mais se alembra. Uma coisa me diz.

GENUÍNO

Se alembra. Vem por aí, com o Boi encaretado, aboiando.

SINFOROSA

Arrengo desse aboio que vosmecê espera.

GENUÍNO

Qué que tu vai fazer por lá? Se empregar?



SINFOROSA

Cair na vida.

GENUÍNO

O quê?

SINFOROSA

Já tou bastante erada, e sem achar marido. Alugo um quarto. Me faço.
Tenho jeito.

GENUÍNO (TENTANDO AGREDI-LA, MAS IMPOTENTE)

Descarada! Quer dizer que vai ficar solteira ? mulher-dama ? militriz ?

SINFOROSA

Com disposição. Sua benção se quiser me botar. Bença? Té qualquer
tempo. (Sai.)



GENUÍNO (AMARGURADO)

Sinforosa, vem cá...

Genúino senta-se no chão, em meio de cena. É um pobre velho. Entra Grinalda, que retira a rede do Chefe.

CANTADOR

Numa caneca de flandre
pastagem nova nasceu
sereno campo azulado
traz o Boi para o freguês.

Coração manso — quem dera!
desse meu Boi a pastar
girassol — sol amarelo
nos seus chifres vem pousar.

Em planos de verde campo
se estampa o Boi Desejado
numa lata de manteiga
de rosa e branco pintado.



GENUÍNO

É ele que vem, ê-vem!

GRINALDA

Chefe, por tudo lhe peço, ande ficar comigo. Vosmecê está no meio do tempo.

GENUÍNO

Minhas pernas tão doendo, não agüento a caminhada.

GRINALDA

Lhe levo nos braços. Vosmecê pesa leve.

GENUÍNO

Leve? Mais pesado que o chumbo.



GRINALDA

Saia deste descampado. Mesmo já tá anoitecendo e o sereno lhe faz mal.

GENUÍNO

Ando carecido de ar. As juntas me ferroando. Acho que é devido ao tempo. Tempo que vai mudar.

GRINALDA

Prometendo mesmo renovar. Hoje vi formigueiro assanhado, alvoroçado, e o cró-cró duma rã rapando a coité. E lá nos lajedos do açude eu vi chegar um casal de tetéu, ariscos, mas numa azoada...



GENUÍNO

É, vai renovar. Promete. Domingos Afonso Manfrense foi entrando com o gado por estas solidões descampadas. Situou mais de trinta fazendas, mas na hora da morte, com medo das caldeiras de Pero Botelho, deu todo o possuído aos padres, para as rezas. Ah, meu vaqueiro José da Grinalda, este Piauí foi a terra do boi gordo. Os vaqueiros entravam pelas várzeas do Gurguéia, tangendo as reses, abrindo caminhos pelas caatingas e chapadões, nos ermos horizontais. Compunham, estabeleciam, baseavam. O gado pé-duro urrando de lustroso. O pasto criando bem. O boi dava de tudo. De um tudo. (Entram quatro vaqueiros, que vêm ouvir a conversa de Genuíno.) Cartas del-Rei mandavam dar sesmarias aos fazendeiros-povoadores — léguas de terra de não ter mais fim.

VAQUEIROS

E a nós, sem haveres nem poderes para conhecimento del-Rei, o que el-Rei mandava dar?

GENUÍNO

“O couro servia de esteira para a dormida ao relento, nos campos. Servia de cama para os partos da mulher do fazendeiro.” De um tudo: gibão, chapéu, sela, mochila, bruaca, o relho e a corda de laçar.



VAQUEIROS

E a nós, o que dava o fazendeiro?

GENUÍNO

Traçalhos de carne seca de boi gordo, pirão de leite, a coalhada, o requeijão, a paçoca e as maminhas da alcatra.

VAQUEIROS

E a nós?

GENUÍNO

Grandes pastos, terra segura, casa alpendrada de pedra e cal. Curral de carnaúba. Mourões de aroeira. As cajazeiras fazendo sombra no pátio. O cheiro bom do gado e o aboio dos vaqueiros.

VAQUEIROS

Ô-lô, ô... boi, ô..... ô-ô-ô... lô..... ôôôô...



GENUÍNO

O aboio foi tão plangente
que não ficou um vivente
que não amasse o vaqueiro.
O capitão disse a ele
— “moço, torne a aboiar...”



VAQUEIROS

E para nós?

GENUÍNO

Para vós, um cavalo. Um cavalo a correr. A segurança sustenta pela vossa
alegria: um cavalo!

VAQUEIROS

E adonde ele está?

GENUÍNO

Um cavalo alazão!

VAQUEIROS

Estamos a-pé. Apeados. De mãos abanando. Sois o Empautado!

GENUÍNO

Boi gordo do Piauí morreu.

Os vaqueiros viram as costas para Genuíno. Cobrem o rosto com os chapéus. Mais escuro.

GENUÍNO

Por que me levas à tua procura se de mim te escondes? “Tens porventura olhos de carne? Vês tu como vê o homem?”

Relâmpagos prenunciam tempestade.



VAQUEIROS

Chefe —
a esta vossa indagação
não há resposta do céu.
A vós, sim, pedimos contas
pelo mal que aconteceu
a nós, os desnorreados,
em longa noite de breu.
Sois a astúcia do Diabo
não o provado de Deus.



GRINALDA

Gente —
o nascente relampeja.

É a chuva e o vento que vêm e o Chefe não atende nem mais entende. Ele
esmorece. Chamai as rezadeiras de incelenças.

Entram as mulheres de preto.

GENUÍNO

O meu cavalo! Ordeno! Não me escutam? Quebro-lhes o corpo com esta lança. Agora!

VAQUEIROS

De novo comanda o Velho
nas ordens do Renegado.

MULHERES

Não tem reza e nem tem vela
que alumie esta partida,
na balança de Miguel
há de afundar-se, cativo
do pacto feito com o Demo,
aquele Boi das Desditas.



VAQUEIROS

Nossa carne foi ração
pasto e campo de corridas,
foi sobejo e foi bagaço
foi esterco do Maldito.

GENUÍNO

O Ventania. O meu cavalo Ventania!

VAQUEIROS

Nossos pais no rastro dele
nos descaminhos sumiram,
Desejante, destroçaste —
um por um — as suas vidas.

GENUÍNO

É ele que vem, ê-vem!



MULHERES

Não morre mas se transmuda
em breu enxofre e carvão
aquele que deu ao Cujo
a nossa carne em ração.

Devedor de nossas vidas
o Diabo leve a tua alma
e nesta casa demolida
o fogo seja ateado.



VAQUEIROS

Que o Desejado carregue a alma do Empautado!

Vento, trovões, relâmpagos. Voando, com asas de morcego, surge um enorme boi, amarelo e vermelho. Genuíno se levanta sem a ajuda das muletas, e, numa gargalhada, vai ao encontro do boi. Sua aparência, agora, é a de um homem de trinta anos. Os vaqueiros e mulheres se persignam e esconjuram. Genuíno e a visão desaparecem.

VAQUEIROS

Que a chuva caia na terra
e o capim nasça no pasto
que o vaqueiro e suas reses
corram no campo lavado.

CANTADOR

Chove janeiro e a babugem
em verdes claros se estende,
cebolas rosas berrantes
desabrocham em barro quente.

E vem fevereiro e vem março
em abril vem a coalhada
em maio o jasmim estrela
traz a noiva no cabelo.



Todos

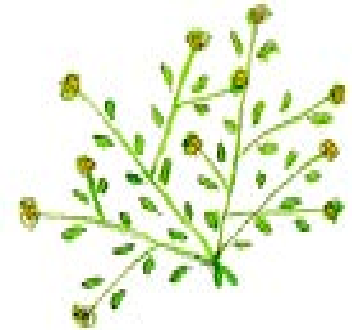
Que a chuva caia na terra
e o capim nasça no pasto
que o vaqueiro e suas reses
corram no campo lavado.

CANTADOR

Vida nova espera junho
gordo o gado na malhada
vaqueiro e homem libertos
do domínio do Empautado.

Todos

Libertos, pra todo o sempre
do domínio do Empautado.



Rio, jun/jul/66
ago/69